

Desvio para o azul

Por Ana Ferreira.

(Cena azul. B entra, abre o chuveiro e se coloca em baixo. A surge bruscamente na banheira)

A – Sempre. O tempo que estivesse por perto. À mesa de jantar, no meio da sala de TV. Bastava alguém se levantar para ir pegar mais comida. Eu me lembro de uma vez. Eu tinha seis anos. A gente estava na varanda. Na varanda. Ninguém nunca via nada. Agora todo mundo sabe. Acredita. *(Pausa)* O que ele falou pra que você ficasse tão nervosa?

B – Você queria o que? Que eu desse beijinhos? Não me lembro de nada. Ele mesmo me contou no dia seguinte. Rindo. Não vou contar.

A - No seu marido você dá.

B - No MEU MARIDO.

A – Depois de um tempo todo mundo esquece.

B – EU NÃO. *(Pausa)* Não é nada com você.

A – Desculpa.

B – Não é com você.

A – Eu só falo.

B – Gosto de te ouvir. *(Pausa)* O vô ainda vai a casa dele. A minha ele não vai. Mas a dele, mesmo reclamando da sujeira, dizendo que é nojento, a dele ele vai. Diz que é por causa do meu marido.

A – Ele é neto.

B – Eu também sou. Meu marido nunca aprontou.

A – Ah, não?

B – Nem se compara.

A – É isso que ele faz. Ele some. Depois de um tempo todo mundo esquece. Ninguém dá atenção para o que eu falo.

B – Não vou contar.

A – Mas você eles ouvem.

B – Eu só quero tomar um banho em paz. *(Pausa longa)* Alívio. Sou uma pessoa nova.

A – Meus dedos estão enrugados.

B – Sua água está suja. Já é um ensopado de você.

A – (*Irônicas*) E você é que vai trocar a água do aquário.

B – Claro.

A – E me deixar um pouco de ração.

B – Exatamente.

A – Apenas duas bolinhas. Ou eu posso morrer intoxicada.

B – Sou ótima com animais.

A – É sua especialidade. (*Cessam a ironia. Pausa*) Desinfetei tudo aqui pra você.

B – Tem um cheiro bom de ar puro.

A – Eu prefiro apenas o vapor. O cheiro da água. Mas desinfetei pra você.

B – Você gostou? (*Pausa*)

A – Ele disse isso?

B – Quando todo mundo descobriu. Acreditou.

A – E você acredita?

B – Só no que você disser. (*Pausa*) Como é quando você menstrua aí?

A – Azul.

B – Seu sangue?

A – É. Eu sou nobre.

B – Você é um polvo. (*Riem*) Isso deve feder. (*Riem*)

A – Eu sou nobre e cheirosinha. Eu tomo muito banho. (*Riem muito. Param aos poucos*) Passa-se no século XVII. Nós somos nobres. Educadas com a etiqueta da corte. Mas de madrugada. Reunimo-nos com outras mulheres. E deitamos nuas no capô de um carro para beber e observar as estrelas. Nós conversamos muito. E rimos. Como as bruxas. (*Pausa*) Eu tentei.

B – Eu gostei.

A – Mas não posso agüentar.

B – O que?

A – Que bom que você é mais forte e mais bonita. Você é melhor. Eu só sei viver aqui.

B – Eu gosto.

A – Protegida. Da luz. Do ar empoeirado. Dos cheiros grosseiros. Das linhas definidas. Embriagada de vapor.

B – É bonito.

A – Dos seres que são só humanos. Eu não caminhei até aqui, sabia? Eu caí. Ou eu nunca saí. Não sei.

B – Eu te coloquei aí.

A – Quanta arrogância.

B – Te achei aí.

A – Me aceitou aqui. Quando todos riram. Quando todos acharam divertido que eu confundisse a neblina com o mar. Quando descobriram como eu enxergava e acharam engraçado. E acharam-se grandes. E acharam-me subordinada, dependente, carente. Isso eu tenho claro. O momento em que você chegou.

B – Me lembro. *(A imerge na banheira)* Dói. *(A surge na banheira)*

A – Você disse alguma coisa?

B – Para o meu marido. Ele não diz nada. Não acredita. Não quer ouvir.

A – Ele acha que a culpa é sua?

B – Que é intriga.

A – Sua?

B – Ou coisa da minha cabeça.

A – Você disse que sempre aconteceu comigo? *(Pausa)*

B – Disse.

A – Ele acha que eu sou louca? *(Pausa)* Que você está enlouquecendo por minha causa?

B – Ele não é de falar.

A – VAI SE FUDER ESTA DROGA DO SEU MARIDO.

B – Ele não disse nada. *(A imerge na banheira. Volta)*

A – POR QUE É QUE VOCÊ CARREGA ESTA MERDA?

B – Você persegue ele.

A – VOCÊ ESCOLHEU UMA MERDA DE VIDA.

B – É A MINHA VIDA.

A - MERDA DE VIDA.

B – Eu gosto. *(Pausa)*

A – Passa-se na praia.

B – Na praia?

A – Duas meninas...

B – Qual praia?

A – ESTOU CONTANDO. Duas meninas saíram de um ovo. O ovo era frágil e se sentiu solitário. Uma das meninas ficou para fazer companhia para o ovo. A outra foi embora e se afogou no mar. De tristeza o ovo morreu. A primeira menina ficou sozinha. E casou.

B – Não gosto dessa.

A – Qual é o problema com a sua vida?

B – Estes são os seus problemas. Os meus são outros.

A – Por que é que você contou pra única pessoa que não te ouve?

B – Eu contei pra você.

A – Só porque eles nunca vão me ouvir.

B – Não é preciso. Eu falo de você.

(Cena mais azul. A está na banheira. B entra com a roupa ensopada)

B – Está chovendo.

A – E o que o vento diz?

B – Schiiiiiii...

A – Um belo dia azul interrompendo seus dias quentes?

B – Calmo.

A – E você ainda quis vir?

B – Queria um pouco com você.

A – Eu estou transbordando. Minha pele está seca.

B – A alergia a água?

A – As vermelhidões estão virando feridas.

B – Você precisa sair.

A – Estou bem. E você quer também.

B – Eu disse um pouco.

A – Porque é covarde. Eu não sabia que você viria. Não desinfetei nada.

B – Tudo bem com cheiro do vapor.

A – Vai. Toma um banho. *(B abre o chuveiro e se coloca em baixo)*

B – Ontem eu falei de você. Falei no passado. Antigamente as pessoas choravam. Não sei se por você ou por como eu falava de você. Mas é curioso que já não chorem. Acho que aceitaram. Pensei que era bom que eu te dissesse isso. Pensei que acabou para eles. Que aceitaram. É bonito. É bom.

A – Há quanto tempo o chuveiro está queimado?

B – O que?

A – O chuveiro. A água gelada.

B – É. Está.

A – Você não se importa?

B – Na casa dos outros...

A – Minha água é quente. Você sabe. Eu não gosto da água fria. Não suporto.

B – Não queria te incomodar.

A – É por isso que você tem vindo não é?

B – Eu venho porque gosto de te ouvir.

A – E falar. Quero ouvir a sua voz.

B – O vô perguntou de você. Se você não gosta dele. Porque você não vai lá. Acho que ele é o único que nunca aceitou.

A – Dos outros não. A sua. De como se acostumou com a água gelada. De quando passou a precisar.

B – O que significa isto?

A – Muito.

B – Você fantasia demais.

A – É um bom argumento. Sempre funciona quando se trata de mim.

B – Eu só quero tomar um banho em paz.

A – Não fuja. Por favor.

B – Eu sempre venho.

A – Eu estou sempre aqui.

B – Mas você não aceita de todo.

A – Não seja cruel.

B – A sua pele não aceita.

A – Aceita.

B – Ela não gosta da água. Está irritada.

A – Ela apenas sente falta de você.

B – É mentira.

A – É. Mas eu gosto quando você vem. *(Pausa)* Há quanto tempo?

B – Que importa?

A – Ah, claro, não importa. Então vamos ao que importa. Passa-se onde?

B – QUE IMPORTA?

A – Você importa. Me importa. Depois de tudo isto, depois da água, de onde eu existo, você ainda me importa. Quando eu sou completa apenas comigo. Você ainda importa pra mim. Se você se esconde eu me resseco. E você esconde muito por baixo das suas benevolentes e caridosas ações. O que mais resta para eu descobrir? É necessária uma investigação profunda? É necessário algum tipo de chantagem? Eu não posso com isso. Com nada disso. Eu consumo minha energia toda e nada sobra para que eu possa me defender, negociar ou articular com outros. E eu fico me perguntando: posso confiar no que você sente por mim? Ou eu poderia ser um pouco mais razoável diante da situação que se apresenta e aceitar que eu sou novamente usada, descartada e ignorada? A presa fácil. Você fez um trabalho muito bom, é muito boa nisto. Foi paciente durante um tempo tão grande, eu realmente me envolvi. E aí o que me resta se não desejar postumamente que você sufoque em culpa? Aliás, isto eu espero desde já, saiba.

B – Você está sendo má.

A – Não. Você está. Eu estou sempre aqui. Você sabe de mim.

B – Não deveria. Sua pele já não suporta.

A – Quero ouvir a sua voz.

B – Posso ir embora?

A – Sim. E me deixar. E se deixar. Mas você é forte. Mais forte e mais bonita.

B – E por quê?

A – Por nós. Por nós. Por você e por mim. *(Pausa)* Por mim, por favor. *(Pausa)*

B – ESTE GRITO É MEU TÓRAX MINHA GARGANTA MEU SOCO DE AR E POEIRA SEM RIGOR MOTIVO NINGUÉM SÓ SOA EU SUA TODAS AS PAREDES ESCORRE INUNDA TODO O BANHEIRO E EU RESPIRO FUNDO NO OCEANO DO MEU FUNDO ONDE O PÓ SE DISSOLVEU E TUDO É ÁGUA AR LÍQUIDO FEITO DO NADA DE MIM DESTE GRITO QUE É SÓ MEU TÓRAX GARGANTA NADANDO EM SI ESGOTANDO OS MÚSCULOS SUANDO O AR. ESTE SILÊNCIO TAMBÉM É MEU. *(Pausa longa)*

A – Eu gostei. Você é mesmo mais forte. E melhor. *(Mergulha na banheira. Pausa)*

B – Irmã! *(Pausa)* Irmã! *(Pausa)* IRMÃ! *(Pausa. B, nervosa, vai embora correndo. Deixa o chuveiro aberto. Pausa. A volta a aparecer na banheira)*

A – Passa-se hoje. Chove. Fora daqui. Dia de fazer resgates mútuos. Mas eu sou abandonada. Por mim. Eu vivo meu inverno. Meu repouso. Meu monólogo. Só eu choro. Choro só. Choro água doce. Porque os suicídios são mais belos nos rios. Porque morrer me faz feliz. Me faz merecer o dia. Eu não me protejo da morte. Escolhi ser fraca. Morro sempre. Agora. Só. Na água doce.

(Cena muito mais azul. O chuveiro está ligado. A está na banheira. B entra correndo em direção a ela e a puxa para fora. Arrasta-a. Dá tapas em seu rosto)

B – *(Dando tapas em A)* Maldita! Vaca do caralho! Egoísta! Sua puta de uma merda! Você é a mais velha. Covarde! Um pouco de compaixão por mim! *(Para de bater e se levanta)* Não é assim tanta coisa. É pouco. Só um pouco de compaixão por mim. *(Pausa)* Não seja tímida. Você esperou tanto por isso. Passa-se onde? *(Pausa)*

A – Em um banheiro escuro e úmido.

B – Tá, e aí?

A – As plantas. Trepadeiras. Já ocupam o chão e o teto. Já não se sabe de que cor um dia as paredes foram pintadas. Uma porta se abre. A luz entra. O banheiro branco. A luz ocupa todo o chão e o teto. Com o branco da luz, já não se sabe do verde com o qual um dia as paredes foram tomadas. Já não se sabe da porta. De nada mais.

B – Mas você sabe. Da porta. Da luz. Das cores.

A – Eu sei.

B – E você sabe que eu não.

A – Eu sei.

B – Nem ninguém.

A – Sei.

B – Foi por isso que eu vim. Mesmo que você seja uma egoísta sem vergonha. Porque você vê melhor. *(B se deita dentro da banheira)* Mesmo assim, este lugar não é só seu. *(Mergulha suavemente na banheira e volta)* Este não é mais um encontro barato.

A – Vai ficar aí? Está chovendo muito lá fora.

B – É este o momento em que você começa a me odiar também? Ou já está acontecendo desde que eu te interrompi? Que te arranquei da sua agulha suja.

A – Você deveria ir. Eu não posso fazer nada por você.

B – Ah, você tocou na pergunta. O que fazer? A sua irmã se tornou um dos outros. Do resto do mundo mau. Das pessoas que te interrompem. Gente má, muito má.

A – Eu não sei o que você espera.

B – Acontece que me jogar pra fora não é uma opção desta vez. Não eu. Não quando eu não deixo.

A – Não sei mesmo.

B – Então será que você vai ter que me matar? Ou será que eu, daqui, vou assistir você morrer, aí, lentamente? Você sabe que estas também não são opções comigo, não se eu não permitir.

A – Por que você simplesmente não se vai?

B – E eu não vou. Então a pergunta ainda paira. O que fazer? Tenho uma sugestão. É mais um palpite. Você vai ter que aceitar a minha presença. Você achou que tinha feito algo difícil.

A – Eu estou te pedindo.

B – Mas agora veio algo maior, irmã.

A – Por favor.

B – Eu também estou na água.

A – Por mim.

B – Você vai se encontrar comigo. Não me interessam as suas escolhas, eu estou aqui agora. E eu vou te interromper. / O tempo todo.

A – Passa-se em terra seca. Estamos cercadas. De prédios. De ruas vazias. De pontos ociosos. De cheiro de morte. De uma cor laranja destruidora. De um som vivo do medo. Da anunciação do fim. Fim de algo do qual não se sabe.

B – O MEDO DA MORTE EU ENTERREI COM O MEDO DA VIDA E DOS SONHOS

A – Um menino passeia com seu cachorro na coleira. Tranquilo. Seus pais permitiram. Ou pediram.

B – EU CRIO ALIMENTO O MEDO ÓDIO PELAS CRIANÇAS QUE SOFREM SENTEM CAUSAM DOR COM SEUS PROTÓTIPOS FRACASSOS DE PAIS

A – Você não está lá. Eu também não. Nós apenas assistimos a tudo. A cor laranja engrossa. O silêncio fica quieto. Só o cão se move.

B – MEU GRITO ESTÁ MUDO SEM ÁGUA ABAFADO PELO PÓ

A – A linha aparece. Brilha. Fósforo excitado pela luz de vida jovem. Canta suave.

B – CORRA MENINO CORRA CORRA CORRA CORRA

A – O menino atravessa. *(B Solta um grito curto agudo)* A dor imensa arde no estômago. Eu choro. Você desmaia. Não é o fim do mundo. É bem diferente. É quieto. *(Pausa. B chora)* Desculpa. Eu vou cuidar de você.

(Cena profundamente azul. B ainda está na banheira. O chuveiro continua ligado. A água inundou o banheiro. A está sentada no chão. A água já cobre suas pernas. E continua subindo)

A – Uma floresta. É noite. O vento urra. Está muito bravo. Tem esta tarefa para você. O céu está estrelado. Talvez haja ursos. É insuportavelmente frio. O vento urra novamente. Não há mais tempo.

B – EU CORRO COM FORÇA SEM OLHAR PARA TRÁS E SEI QUE ESCAPO NO SALTO PARA O LAGO GELADO NO MEU CORPO QUE AFUNDA QUANDO AS FACAS PERFURAM TRAVAM CADA MOVIMENTO DAS MINHAS COSTELAS EU SÓ SANGRO E MANCHO TODO O LAGO DE UMA TINTA AINDA MAIS ESCURA QUE A ÁGUA A NOITE O VENTO O VAZIO SE ESVAI

A – Talvez você pudesse ter decidido que este é o fim. Mas não é. Agora é dia. Você está seca e quente, deitada nas folhas. O sol estala. Eu quero que você se levante. Salvei você de uma hipotermia, não quero que você pegue uma insolação.

B – Vai me salvar sempre?

A – Talvez.

B – SAIA DAQUI VOCÊ SABE QUE EU VOU MORRER AFOGADA

A – Não. Não vai.

B – Hoje eu menstruei. Azul.

A – É um bom começo.

B – Difícil. Muito escuro.

A – Porque não há lua. É difícil até mesmo ver o chão.

B – Você não tem idéia de há de quanto tempo já está aqui, não é? As vermelhidões se foram por completo?

A – Estão azuis agora.

B – É muito tempo.

A – E o frio machuca. O calor foge do corpo e sai branco da boca.

B – Mas este não é o fim.

A – Não. Agora é dia. É quente.

(Cena oceanicamente azul. A inundação do banheiro já chega pela cintura)

A – Isto só piora. Meu ouvido fede, minha pele está rasgando de feridas e é difícil respirar. Um inferno. Onde só eu tenho alergia.

B – Só nascendo de novo. É simplesmente impossível. Como estarmos aqui.

A – Quase. Quase este tanto.

B – Este tom de azul não existe.

A – Ainda não.

B – Ou talvez você esteja virando uma rã e, quando tudo acabar, só eu vou morrer afogada.

A – Tenho fobia de anfíbios.

B – Eu sei. Mas aí passa.

A – Tenho nojo. Asco profundo. Repulsa.

B – Passa.

A – Raiva. Medo. Muito medo.

B – Passa tudo.

A – Ódio.

B – É isto que a sua pele não aceita.

A – Ódio. Que porra de pele!

B – Mas vai ser bom não precisar morrer afogada.

A – Eu tento ter só pensamentos bons.

B – Só nascendo de novo.

A – Não é impossível. Estamos aqui. Sempre. Agora. Na água doce.

B – Este tom de azul não existe.

A – Você não vai morrer afogada.

B – Você não sabe.

A – Eu sempre soube.

B – Passa-se onde?

A – No rio. Tudo isto. Desde o início.

(Cena impossivelmente azul. A água está na altura do pescoço)

B – E o que acontece depois?

A – Tudo fica quieto.

Para Gabriela, minha irmã